

ANCESTROFUTURISMO

COSMOGONIA LIVRE – RITUAIS FAÇA VOCÊ MESMO (DIY)

Por Fabiane M. Borges

Sobre esse texto

Esse texto se propõe a fazer uma dupla articulação: 1) Elaborar o conceito de Ancestrofuturismo que temos utilizado na rede de tecnoxamanismo¹ e 2) Compartilhar pesquisas e experimentações que temos feito no campo da Cosmogonia Livre e Rituais faça você mesmo (diy) por acreditar que isso tem sido um ponto chave dos encontros dessa rede.

Ancestrofuturismo

Ancestro + Futurismo são dois termos que aparentemente surgem de uma impossibilidade, da ambivalência de dois mundos em disparada que é o arcaísmo e o futuro. O futuro, a grosso modo, é atrelado à idade moderna, entendida geralmente como a era que retira(ria) a humanidade do obscurantismo, do universo de crenças e superstições e a coloca(ria) no progresso, no desenvolvimento evolutivo dominado pela ciência e pela tecnologia. A ancestralidade, sob esse ponto de vista é considerada um conjunto de valores tradicionais que rege as sociedades arcaicas, ignorantes da verdade científica, que cultivam saberes obsoletos desprovidos de comprovação. No entanto interessa ao ancestrofuturismo conceitos que trabalham com outras noções de tempo e história e que ressignifiquem a suposta linearidade entre passado e futuro, ou seja, desconstruam a ideia de tempo e de história vertical que vai do arcaísmo em direção ao futuro e horizontalizem essa perspectiva².

A modernidade gera cada vez mais suspeitas sobre sua promessa de “futuro”. Em um momento de

1 Para saber mais sobre o tecnoxamanismo, sugiro dois textos da minha autoria: 1) Tecnoxamanismos, etc. Revista virtual Geni. Nº 26 Acessado 05/05/2016 <http://revistageni.org/10/tecnoxamanismos-etc/> e 2) Prolegômenos para um Possível Tecnoxamanismo - Publicado na Revista Cadernos de subjetividade - 2013 – Vol 10, nº15 Acessado em 05/05/2015 <https://catahistorias.files.wordpress.com/2014/03/prolegc3b4menos-para-um-possoc3advel-tecnoc3oxamanismo.pdf>

2 Por exemplo o pensamento de J. W. Dunne - “An Experiment with Time”. Publisher: A. & C. Black Faber & Faber. England. 1927

câmbios climáticos em que o antropoceno (e seus paralelos capitoloceno, cuthuluceno, etc) se torna a idade da terra, o futuro que se anuncia é o da modernidade chafurdando no lamaçal de Mariana, ou no desastre nuclear de Fukushima e Chernobil³. Estamos diante do que Isabelle Stengers chama de “intrusão de Gaia”, quando diz que não será dado aos humanos a liberdade de ignorar Gaia como têm feito até agora: “*A intrusão do tipo de transcendência que nomeio Gaia instaura, no seio das nossas vidas, um desconhecido maior, e que veio para ficar. E, aliás, talvez seja isso o mais difícil de conceber: não existe um futuro previsível em que ela nos restituirá a liberdade de ignorá-la, não se trata de “um momento ruim que vai passar”, seguido de uma forma qualquer de happy end no sentido pobre de “problema resolvido”. Não seremos mais autorizados a esquecê-la. Teremos que responder incessantemente pelo que fazemos diante de um ser implacável, surdo às nossas justificativas. Um ser que não tem porta-voz, ou, antes, cujos porta-vozes estão expostos a um devir monstruoso*⁴”.

Essa incompatibilidade entre o futuro apresentado pela modernidade e o futuro verificável na contemporaneidade tem servido de palco para as mais variadas especulações, desde o campo econômico até o filosófico, desde o campo científico até o metafísico, e nessa conjuntura o tecnoxamanismo se apresenta como mais uma rede de especulação, que tal como inúmeros outros movimentos sociais implicados nesse dilema, produz conjecturas, constrói narrativas e desenvolve práticas que endossam a provocação contra a ordem das relações ainda vigentes entre cultura e natureza, e ainda propõe alternativas enquanto experimenta processos novos e remixados, sendo um deles, o ancestrofuturismo, com suas cosmogonias livres e seus rituais do it yourself.

Ao contrário de se perceber na conjunção das palavras ancestro + futurismo a tentativa de criar um monismo⁵, ou uma unidade, o que se pretende aqui é ativar seus sentidos, de modo que se

3 Cfe. Svetlana Alexievich - “Vozes de Chernobyl – Crônica del Futuro” Ed. Elsinore. Reimpressão. 2016. “*Han pasado veinte años de la catástrofe, pero hasta hoy me persigue la misma pregunta: ¿de qué dar testimonio, del pasado o del futuro? Es tan fácil deslizarse a la banalidad. A la banalidad del horror... Pero yo miro a Chernóbil como al inicio de una nueva historia; Chernóbil no solo significa conocimiento, sino también preconocimiento, porque el hombre se ha puesto en cuestión con su anterior concepción de sí mismo y del mundo. Cuando hablamos del pasado o del futuro, introducimos en estas palabras nuestra concepción del tiempo, pero Chernóbil es ante todo una catástrofe del tiempo. Los radionúclidos diseminados por nuestra Tierra vivirán cincuenta, cien, doscientos mil años. Y más. Desde el punto de vista de la vida humana, son eternos. Entonces, ¿qué somos capaces de entender? ¿Está dentro de nuestras capacidades alcanzar y reconocer un sentido en este horror del que seguimos ignorándolo casi todo?*”

4 Cfe. Isabelle Stengers - “No Tempo das Catástrofes” (pag.41) - Ed. COSACNAIFY – São Paulo/2015

5 Eduardo Viveiros de castro faz uma crítica a algumas correntes contemporâneas que tentam juntar o antigo com o ultramoderno (neoprimitivismo e tecnofilia), como no caso dos transhumanistas ou ciberpunks que na maioria das vezes caem na equação da unidade, pensando que está fazendo sobreviver os dois enquanto que está somente fazendo um deles desaparecer. Não considero ser o mesmo caso do tecnoxamanismo, ou ancestrofuturismo, já que esse busca a multiplicidade e não a unidade. Cfe. Entrevista de Eduardo Viveiros de Castro para Marc Kirsch – La Lettre du Collège de France, para o número especial da publicação comemorativa do centésimo aniversário de Claude Lévi-Strauss. São Paulo/2009 – Acessado 24/04/2016 - http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300023

perpassem, se conectem, se entremeiem, que gerem outros conceitos e práticas e não paralitem numa divisão ou numa união irresponsável, onde só uma das partes sobreviveria. Para compreender a magnitude do ancestrofuturismo é necessário constituir uma rede de conceitos que lhe dê suporte, para que ele consiga assumir-se em seu caráter criativo, para que funcione como um dispositivo de ruptura com os sistemas viciados de interpretação metafísica (teologia/religião) e para torná-lo um gerador de imaginários livres.

Nesse sentido a ficção entra como aliança fundamental, pois como diz Dona Haraway é preciso acionar a ficção científica, a fabulação especulativa para desestabilizar nossas próprias histórias com outras histórias, com séries de desnormalização do pensamento, desestabilizar mundos de pensamento com outros mundos de pensamentos, destruir mundos para conseguirmos visualizar outros mundos, ou quando ela cita Virgínia Woolf no “Think we Must” que diz: *“importa qual histórias contam histórias, importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais mundos mundeiam mundos”*⁶.

Hiperstição

É aqui que conceitos como hiperstição de Nick Land vão fazendo sentido para o ancestrofuturismo, pois também trata de ficção, fabulação, narrativa e especulação, mas com um peso capaz de interferir na história do mundo, ou na história do futuro e do passado. Hiperstição⁷ é um neologismo que combina as palavras “hiper” e “superstição”, para descrever a ação de ideias que acabam por se transformar em realidade. Enquanto superstição é considerada um mecanismo de produção de ideias falsas e crenças infundadas, a hiperstição significa ideia potente, mobilizadora, capaz de materialização na realidade em algum ponto do tempo. *“Só porque algo não é “real” agora, isso não quer dizer que isso não será real em algum ponto do futuro. E uma vez que isso é real, de algum modo, isso sempre foi.”*⁸ Uma forma de registrar a influência do futuro sobre o passado. Alguns exemplos de hiperstição segundo Land podem ser “a economia capitalista, onde atos confiantes agem como tônico efetivo de sua própria produção (auto ajuda sabe disso), ou a ficcional ideia sobre ciberespaço que contribuiu para o fluxo de investimento real e se transformou rapidamente numa tecnologia social da internet, ou ainda o monoteísmo abrahâmico (Abraão) que tratou Jerusalém como a cidade escolhida de Deus e com um destino histórico judaico, e isso entrou na produção imaginária, cultural e política e tornou-se uma realidade, ou ainda o Apocalipse, que

6 Cfe. Palestra de Donna Haraway “Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Staying with the Trouble”, 05/09/14 – Acessado 24/04/2016 – (vídeo) <https://vimeo.com/97663518>

7 Cfe. HYPERSTITION – Delphi Carstens – 2010 - Acessado em 16/04/2016
<http://merliquify.com/blog/articles/hyperstition/#.VxLWz-Rplfb>

8 Iden.

mais cedo ou mais tarde há de acontecer ou provavelmente já tenha acontecido outras vezes”⁹.

Delphi Carsten¹⁰ pontua 4 características da hiperstição que Nick Land descreve no Catacomic (1995): 1- Capacidade de torna-se a si mesmo real; 2- Um elemento ficcional capaz de promover viagem no tempo; 3- um intensificador de coincidências; 4- uma chamada aos antigos. Ele alerta que essas características tem poder de produzir influências diretas na arena cultural e portanto histórica, mas que sobretudo a hiperstição sinaliza o retorno do irracional ou do monstruoso “outro” (alteridade radical), que influencia a história porvir. Nos importa aqui pensarmos na hiperstição como um dispositivo fundamental para o ancestrofuturismo em sua capacidade de gerar uma realidade a partir de uma qualidade ficcional, que nos ajuda a pensar a quebra da estrutura linear do tempo, enquanto nos dá dicas sobre como operacionalizar a intensificação de acontecimentos convergentes (o que Land chama de intensificador de coincidências), já que o ancestrofuturismo é mais do que uma relação com os ancestrais, mas um gerador de atualização de imaginários e temporalidades.

O retorno do “irracional ou monstruoso” dialoga enormemente com o mundo espectral que volta a povoar o pensamento no contemporâneo, exatamente porque diante das catástrofes ambientais, o “horror” aparece como sensação de fundo e o horror é povoado por existências espectrais que foram retiradas a duros golpes da arena cultural através da inquisição católica no ocidente, e logo depois através do projeto de desenvolvimento científico/tecnológico que aparece fortemente a partir do renascimento. Mas essa limpeza generalizada teve sua grande conquista nos últimos 70 anos, impregnados de conquistas espaciais, nanotecnologias e robos inteligentes, quando realmente pensou-se que estaríamos a caminho de uma sociedade moderna, e a indústria farmacêutica e psiquiátrica colaboraram muito para criar a adaptação a um mundo que pressupunha a superação definitiva da animalidade constitutiva da humanidade.

Horror:

Sobre o “horror” Fabián Ludueña Romandini¹¹ fala que ele é necessário para despertar a humanidade para o equívoco do envólucro antropológico Kantiano, que é a soberania humana sobre a natureza em geral, levando em conta aqui as críticas que dizem que nunca foi e nunca será uma generalização já que existiram, existem e existirão comunidades humanas que não concordam com

9 Cfe. Hyperstition an introduction – Delphi Carstens interview Nick Land – 2009 – (tradução livre). Acessado 24/04/2016 <http://merliquify.com/blog/articles/hyperstition-an-introduction/#.Vx2GfeRplfY>

10 Iden.

11 Cfe. Fabián Ludueña Romandini – Entrevista – Vídeo - <https://www.youtube.com/watch?v=7kQCQf8R98A> – Visto em 16/04/2016

tal postulado. Nesse momento em que a Terra se mostra como uma força em “devir monstruoso” capaz de auto-aniquilação, é preciso desenvolver outras relações com esse planeta que escapem dos ideais civilizatórios promovidos pelo antropocentrismo. Se há um tempo atrás, como no existencialismo francês e alemão, a angústia foi considerada uma tonalidade de fundo (sensação) devido a falta de sentido da existência ou as impossibilidades de transformações verdadeiras através da militância política, hoje em dia o horror aparece como tonalidade contemporânea, não suprimindo a angústia mas fazendo-lhe frente diante de um estado de ameaça planetária permanente.

As catástrofes ambientais geram um estado de horror permanente, ao mesmo tempo que se conjuram os poderes que tentam manejar o horror e o medo, o medo inclusive do horror, isso é notório em campanhas políticas e capitalistas que tentam manejar esse horror de fundo para seus interesses ideológicos e mercadológicos, como durante o período da Guerra Fria em que a ameaça constante do lançamento de bombas nucleares, que causariam a destruição do mundo foram aproveitadas por empreiteiras e construtoras para alastrar construções de bunkers milionários, ou a atual guerra ao terror que é utilizada para fundamentar projetos de extermínio de povos que afrontam a ideologia dos países soberanos e sobretudo para manter 'o horror' sob controle.

Mas Ludueña alerta que se pensarmos bem nunca estivemos em uma situação diferente, mesmo que nunca tenhamos estado numa situação igual. De certa forma sempre soubemos que mais cedo ou mais tarde a vida na Terra poderia vir a acabar, seja por catástrofe induzida pelo sistema civilizatório ou pelo apagamento do sol. Só que isso já não é somente um conjunto de crenças produzidas pelas superstições, pois hoje em dia temos essa consciência através dos inúmeros aparatos tecnológicos que nos permitem ver para além das capacidades dos nossos sentidos, através de telescópios, satélites, instrumentos de medição e análise, que o planeta realmente está passando por processos de transformações radicais, e isso desperta espasmo e horror em seus habitantes.

Essa tonalidade de fundo, ainda segundo Ludueña, pode servir para transformar radicalmente alguns traços constituintes da civilização humana (ou parte dela), já que pode acionar nossas capacidades hipersticionais, nossa fabulação especulativa, nossa ontologia criativa capaz de inventar mundos e estabelecer outras relações com esse planeta, ao invés de sucumbirmos aos geradores do medo e da paranóia. O horror em última instância pode ser utilizado como um mecanismo de fuga da rota de colisão apocalíptica, uma potência contra os ideais modernos, contra o antropocentrismo e a favor da criação de novos humanos e novos mundos.

Hiperstição e comunidade dos espectros

Há uma correspondência eloquente entre a hiperstição de Nick Land e as comunidades dos espectros de Ludueña. Essa correspondência se dá na medida em que a hiperstição é compreendida como um “operador” ou uma “metodologia” implícita na constituição social. É como se descobríssemos um modo de operação maquínico que habita as diversas culturas humanas que diz: se um grupo de pessoas cria uma ficção e passa a nutrir sua existência, mais cedo ou mais tarde ela se materializará 'de alguma forma' no campo da realidade, e isso tem poder de reconstituir tanto o futuro quanto o passado. Já a comunidade dos espectros são essas entidades ficcionais que povoam o inconsciente coletivo e maquínico, que estão no plano do insólito mas que existem. Ela é feita de criaturas incorpóreas, entes que sobrevivem à sua própria morte (mesmo que através de um postulado como alguns personagens mitológicos: Oxum, Helena, Aquiles, Jesus Cristo, Buda), seres que habitam um ponto indistinto entre vida e morte (ciborgues, andróides na ficção científica e nos projetos científicos), coisas imateriais que podem vir a adquirir diferentes consistências, que pode vir a se materializar, como por exemplo, os ressuscitados da Cristianópolis que aos poucos ganham materialidade nos projetos transhumanistas¹².

No caso dos transhumanistas, o espectro se atualiza na realidade através da influência implacável de um legado sofisticadíssimo da teologia cristã sobre os modernos, que são os corpos dos ressuscitados em Jesus Cristo. Os corpos dos ressuscitados são pensados como 'corpos de luz' que tem como função a purificação e o abandono progressivo da animalidade humana. Na Cristianópolis os corpos de luz tem as funções do aparelho digestivo minimizadas, já que comer, fazer digestão e depois cagar demonstra uma animalidade sem sentido para o reino dos céus, onde o grande objetivo é louvar a glória de Deus. E são esses mesmos corpos caracterizados como passíveis, sutis, ágeis e claros, os corpos ressuscitados, que se tornam o parâmetro para o projeto dos corpos transhumanistas, os corpos da realidade virtual, da matrix, que terão nanorobôs em seus glóbulos sanguíneos para contabilizar, entre outras coisas, a medida exata dos nutrientes necessários para manutenção dos corpos vivos. O projeto prevê que esses nanorobôs são os responsáveis pela redução da operacionalidade do sistema digestivo, cuja função é descaracterizar a animalidade grotesca pregressa, e aos poucos aproximar os transhumanistas do ideal dos corpos ressuscitados:

12 Cfe. Wikipedia: “transhumanism is a international and intellectual movement that aims ot transform the human condition by developing and creating widely available sophisticated tehnologies to greatlye enhance human intellectual, physical, and psychological capacities. Transhumanist thinkers study hte potential benefits and dangers of emerging technologies that could overcome fundamental human beings may eventually be able to transform themselves into different beings with abilities só greatly expanded from the natural condition as to merit the label of posthuman beings. <https://en.wikipedia.org/wiki/Transhumanism> (visto 04/05/2016) – Para saber mais do projeto ver: Ray Kurzweil - The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology. Ed. Viking Penguin. 2006

sublimes e angelicais¹³. Eis aqui como processualmente vai se materializando uma ficção teológica na concretude de projetos científicos e tecnológicos.

Podemos falar aqui que a hiperstição é um dos operadores da constituição das comunidades dos espectros, sejam eles quais forem e quais ideologias guardam. Nem a hiperstição nem a comunidade dos espectros são estruturados a partir de uma referência específica de ética ou moral. Ambos operam um sistema potente de concretização real de fabulações, especulações e narrativas ficcionais, que podem ser libertárias ou fascistas, angelicais ou demoníacas. O que importa aqui é entender que a ficção não é só um dado imaginário, mas material ou pelo menos, um dado que existe ou pode vir a existir de fato, e mesmo não existindo, já existe.

Comunidades espectrais não humanas

Para complexificar a questão, quando falamos das comunidades dos espectros é bom que fuçamos do antropocentrismo falado acima, para não pensarmos nelas a partir de um paradigma só imaterial ou só fruto da imaginação humana, já que a ideia aqui é exatamente destituir o “humano” do centro do mundo, para que se torne possível perceber os espectros produzidos por imaginários não humanos, pois vivemos num planeta vivo, produtor de redes espectrais e inserido num cosmos vivo e espectral.

O perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro¹⁴ nos ajuda a compreender a natureza desses espectros não humanos. Quando fala do animismo ameríndio ele aponta para a presença do que poderia ser entendido como comunidades espectrais, quando qualifica o xamã como um diplomata interespécie que se relaciona com o espírito da água, da árvore, das abelhas, da onça, quando fala na incorporação que o xamã faz no corpo de outras espécies ou quando essas incorporam no corpo do xamã. Davi Kopenawa no livro “A Queda do Céu¹⁵” confirma essa ideia quando conta sua iniciação xamânica, sua relação com os xapiris que pre-existiam sua própria existência, chamando-os de xapiris dos antepassados. Em uma das cenas ele descreve como os xapiris deixaram seu corpo, depois de o iniciar: *“Mais tarde, os xapiri vieram juntar novamente os pedaços de meu corpo que haviam desmembrado. Porém recolocaram meu torso e a minha cabeça na parte de baixo de meu corpo, e ao inverso, minha barriga e minhas pernas na parte de cima. É verdade! Reconstruíram-me às avessas, colocando meu posterior onde era meu rosto e minha boca onde era meu ânus!*

13 Cfe. Fabian Ludueña Romandini - “Comunidade dos Espectros” - Ed. Cutltura e Barbárie – SC -2012

14 Cfe. Eduardo Viveiros de Castro. Metafísica caníbales. Katz Editores. Madrid 2010

15 Cfe. Davi Kopenawa e Bruce Albertt - “A Queda do Céu – Palavras de um xamã Yanomami” Ed. Companhia das Letras. São Paulo/SP 2015

Depois, na junção das duas partes de meu corpo recolado, puseram um largo cinturão de penas multicoloridas de pássaros hima si e wisawisama si. Também trocaram minhas entranhas por vísceras de espíritos, menores e de um branco deslumbrante, enroladas com delicadeza e cobertas de penugem luminosa. Depois substituíram minha língua pela que tinham consertado, e fixaram em minha boca dentes tão belos quanto os deles, coloridos como a plumagem dos pássaros sei si. Também trocaram minha garganta por um tubo, que chamamos purunaki para eu poder aprender a cantar seus cantos e a falar com clareza. Esse tubo é a laringe dos espíritos. É dele que vem o sopro de suas vozes. É uma porta pela qual nossas palavras podem sair belas e direitas". Essa descrição parece demonstrar que um pajé depois de iniciado jamais será dono de seu próprio corpo, já que para ser “diplomata” entre espécies, é preciso ter um corpo destituído da sua individualidade para poder ser povoado de espectros multi-espécies.

Nesse sentido Ludueña fala que para pensar em espectrologia é preciso pensar também naquilo que nos pré-existe enquanto humanidade, e que nos sobreviverá. Ele não está falando necessariamente de Deus Jeová o criador, ou numa metafísica comprometida com um monoteísmo ou politeísmo qualquer, mas da espectrologia enquanto povoamento, enquanto olhares multiplicados humanizados e não humanizados que assistem a passagem da humanidade sobre a Terra. Não só podemos estar sendo avistados por esses espectros não humanos, como também indo mais longe podemos nós mesmos sermos espectros criados por algum tipo de comunidade não humana.

Perceber isso no caso do ancestrofuturismo deve funcionar mais como um exercício profundo de rompimento com o antropocentrismo do que um preceito religioso ou um fundamento de fé doutrinária. Como exercício é válido para ativar o gerador imaginário, intensificar os sentimentos, potencializar os afetos e validar experiências não factuais mas subjetivas, sentidas. Dignificar e ampliar o escopo do que se considera realidade. Nesses sentido o Anti-édipo em sua crítica à psicanálise mostra como esta afunila toda uma conexão da experiência com a espectralidade quando transforma o delírio, a associação de matilha, o homem dos lobos em um problema familiar, nuclear, interrompendo o fluxo entre outras formas de comunicabilidade. O exercício de desantropocentrizar deve levar em conta relações não factuais, investindo na criação de conexões espectrais, ou pelo menos dignificando as narrativas ficcionais. Isso provavelmente traria um novo manancial conceitual e experimental para se pensar e se relacionar com a loucura, por exemplo, ou implicaria em uma subjetividade estendida, menos manipulável pelos sistemas de doma, que crescem avassaladoramente conforme se desenvolvem as tecnologias exponenciais.

Ancestrofuturismo

Então quando falamos em ancestrofuturismo é importante levar em conta os seguintes dados: 1) a comunidade dos espectros é feita de ficções humanas que podem ser atualizadas na realidade com recursos hipersticionais; 2) a comunidade dos espectros pode ser constituída de atualizações de ficções não humanas; 3) a terra como parte de um movimento cósmico pode absorver espectros não humanos e não terrestres que pré-existem a humanidade e que pode lhes sobreviver; 4) o universo anímico ameríndio não se reduz ao animismo terrestre, mas universal e cósmico, e opera com incorporação e possessão multiespectral; 5) a hiperstição é um dispositivo de atualização da comunidade espectral humana e não humana, terrestre e extraterrestre; 6) o ancestrofuturismo é um navegador que atualiza diferentes temporalidades entre o ancestral e o futuro a um só tempo, atualizando as comunidades espectrais humanas e não humanas, terrestres e não terrestres, existentes e as não existentes ainda, que se criam por convergências ficcionais e se concretizam por dispositivos hipersticionais no presente interferindo diretamente sobre o passado e o futuro de forma não linear. 7) o ancestrofuturismo é uma fabulação (ficção) especulativa que se empenha em potencializar geradores imaginários e ampliar os espaços para afeto, sensação e experiência a fim de conferir-lhes dignidade, para que isso colabore na criação de outros humanos e outros mundos, em um momento em que o planeta passa ele próprio por mudanças estruturais.

Repetindo: ancestrofuturismo se utiliza de dispositivos como hiperstição e criação de comunidades espectrais para construir seu plano de organização. É a partir dessa base que se fundamenta as experiências imersivas propostas nos rituais do it yourself, que tem como objetivo produzir a sensação de pertencimento (*communitas*), gerar um espaço/tempo de produção criativa (de cosmogonias e mitologias livres – mesmo que remixadas com as tradicionais) e potencializar e dignificar a experiência (incitando novos devires, afetos e percepções). Ao mesmo tempo em que se desgarras das tradições teológicas, cosmológicas e religiosas em vigor em nossa sociedade, desmistificando seus estatutos de verdade, jogando a ancestralidade para a espectralidade, e o futuro para a ficção especulativa, cujo poder é vir a atualizar-se.

Cosmogonia livre e Rituais faça você mesmo

O tecnoxamanismo se estrutura a partir de redes relacionadas ao movimento do software livre, do open source e da cultura faça você mesmo, que reivindicam liberdade, colaboração e autonomia em relação a ciência e tecnologia. Isso explica a utilização por parte do tecnoxamanismo de termos como Livre, Aberto e DIY (autonomia). Cosmogonia livre então entra aqui como desdobramento

desses movimentos de autonomia científica e tecnológica que agora inclui a autonomia cosmogônica. Liberar a cosmogonia da tradição e colocá-la no espaço da criação (da espectrologia livre) é uma das ações que o tecnoxamanismo tem produzido nos encontros da rede, e os rituais do it yourself servem como mecanismos práticos que fomentam esse aspecto inventivo e também propiciam vivência de experiências em níveis mais superficiais ou mais profundos, conforme o caso.

Podemos, para efeito de compreensão, citar algumas das características dos rituais faça você mesmo que estamos produzindo: 1) criação de comunidade; 2) sensação de pertencimento; 3) terapias espontaneas individuais e grupais; 4) ideia de comprometimento; 5) construção dos espectros mitológicos e cosmogônicos (espectrologia livre); 6) elaboração estética dos 'entes' 7) constituição de transnarrativas fabulativas conectando os 'entes' entre si; 8) elaboração estética das transnarrativas; 9) construção da cena (do espaço) a partir dos elementos criados; 10) produção da experiência imersiva (com público ou sem nenhum público).

Obs: Pensar na utilização dos registros médicos e atentar para a possibilidade de fazer um segundo episódio de ficcionalização a partir deles, e assim sucessivamente.

Mesmo que as características tenham sido enumeradas, não as utilizamos sempre nessa mesma ordem, nem necessariamente do mesmo jeito. Cada lugar, cidade ou país ou ainda cada conjunção de pessoas que se forma por intermédio do tecnoxamanismo desperta uma aura particular, uma equação cosmogônica que se constrói somente naquele lugar com aquelas pessoas. As construções narrativas (ou transnarrativas) que surgem a partir dessas conjunções são singulares, o que não impede que ressurjam em outros lugares ou que sejam transladadas para outros espaços, continuando sua existência em diferentes contextos e por vezes imiscuindo-se com outras construções transnarrativas, vindo a fazer parte de uma espectrologia sempre em processo, do tecnoxamanismo e redes afins.

É importante salientar que o tecnoxamanismo é estruturado não só por movimentos de autonomia em ciência e tecnologia mas também por redes relacionadas à clínica, a arte contemporânea, à filosofia, à ecologia, às ciências da terra e às comunidades tradicionais. Isso serve para demonstrar que o tecnoxamanismo é uma plataforma que funciona como ponto de aglutinação e produção de múltiplos saberes, que é um espaço aberto para proposição e experimentação e que existe uma enorme diversidade de propostas que atravessam seus domínios, que vai desde a agrofloresta e salvação de nascentes de água até desenvolvimento de softwares, desde criação de comunidades

presenciais ou virtuais até arte de galeria, desde imersões clínicas até festivais internacionais. Cada um desses encontros contam com inúmeros projetos como criação de robôs pintores, ou operações alquímicas, rádios livres ou web rádio e propostas educacionais. Mas nesse texto específico estamos tratando de demarcar um desses campos experimentais cujo tema é ancestrofuturismo, cosmogonias livres e rituais faça você mesmo.

Aqui passo a dar alguns exemplos de rituais faça você mesmo que participei diretamente (tem inúmeros outros exemplos que eu poderia trazer, de outros grupos, com outros paradigmas, mas trouxe esses porque dialogam diretamente com os conceitos convocados acima. Lembrando que minha área de pesquisa se dá na conexão entre a clínica (psicologia), arte (contemporânea), tecnologia (livre) e é a partir dessa tríade que elaboro e organizo esses processos imersivos¹⁶. Sempre com um olhar especial para a produção de subjetividade. Espero que esses exemplos sirvam para ilustrar o teor dessas experiências:

1) Casa Nuvem – Rio de Janeiro. Tema do ritual: cinema ao vivo SCIFI - Ficção e Ruidocracia. (31/06 e 01/07/2015) – Organização: Fabiane M. Borges e Livia Diniz

<https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/02/17/tecnoxamanismo-ficcao-e-ruidocracia-na-casa-nuvem-3001-e-0102-de-2015/>

O ritual foi montado como um setting de cinema ao vivo de ficção científica ancestrofuturista. Os participantes foram convidados a embarcar em uma espaçonave do it yourself para fazer uma viagem no tempo. O processo foi organizado a partir de três laboratórios: 1) mini-robos que emitiam ruído através de luz nas placas solares¹⁷; 2) Iniciação à tecnomagia/tecnoxamanismo com ritual performático, tecno-transe, corpo alegórico/fantasia e iluminação para transes (técnicas de luz – diy)¹⁸ e 3) construção de traquitanas sonoras e circuit bending¹⁹.

A partir desses laboratórios foram sendo criadas as narrativas do ritual sci-fi ancestrofuturista que contou com a criação de 7 personagens - os coiotes - responsáveis pelo rito de iniciação na nave mãe. Eles foram iniciados pelo indígena tupinambá Anapuaka, que com banhos de erva e maracá

16 Cfe. Fabiane M. Borges e Marc Etlin – Imersões, Reciclagens e Singularidades – Multitudes Magazine. 2008/2 (nº33). Ed. Associ. Multitudes. Paris. <https://catahistorias.files.wordpress.com/2011/03/imersc3b5es-reciclagens-e-singularidades.pdf>

17 BEAM - Mini Criaturas Autônomas que produzem sons com placas solares - Malu Fragoso e Marco Aurélio Damasceno. - Oficina criada pelo NANO - Núcleo de Arte e Novos Organismos - Mais informações aqui: [organismos_solares_tecnochama .pdf](#)

18 Iniciação à tecnomagia/tecnoxamanismo - ritual performance, tecno-transe (Fabiane M. Borges), corpo alegórico e fantasia (Livia Diniz), Iluminação para transes (Isis Passos)

19 Traquitanas Sonoras e circuit bending com NuvemHub

introduziu os coiotes no universo ritual, e logo eles passaram a fazer o mesmo com o público, que eram vendados e levados para dentro da nave mãe. Outros personagens também foram aparecendo como a maga da entrada da nave²⁰, o drone que passava incenso pela casa e no corpo das pessoas²¹, o quarto das luzes diy e das traquitanas onde as pessoas faziam os sons experimentais, além disso teve projeções ritualísticas em video mapping²² e as performances espontâneas na rua e dentro da casa²³.

Sobre os 7 coiotes há que se dizer que cumpriram um papel importantíssimo dentro de todo processo, já que foram eles que fizeram a iniciação do público. Este entrava na nave com os olhos vendados e era convidado a imergir no cenário ruidoso e se relacionar com todas essas salas ocupadas por personagens fictícios, ruídos, banhos de ervas, robos sonoros, drones de incenso, entre outros. Quando o público tirava a venda, estava diante de um processo do qual já fazia parte, e escolhia seu lugar na nave mãe. No final de tudo, pessoas falando que algo aconteceu ali. Foi uma experiência catártica, o transe aconteceu, houveram comunicabilidades diversas que prescindiram da palavra. A cegueira do público produziu estados de medo e de confiança. E as filmagens²⁴ talvez não tenham dado conta da narrativa feita ali, mas possivelmente serve como uma derivação narrativa do acontecimento, o que torna esses eventos, multinarrativos.

Schillerpalais – Berlin. Tema do ritual: Intersecção entre tecnologias diy e conhecimentos ancestrofuturistas (19-20/02/2016) . Organizado por Fabiane M. Borges

<https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/02/17/technoshamanism-meeting-in-berlin-19-202016/>

O Ritual foi montado a partir de uma chamada aberta na internet convidando o público para a participação do ritual, com uma pequena explicação e um documento aberto para os interessados escreverem o que poderiam fazer no ritual, com quais recursos. Nos dias do encontro de tecnoxamanismo foi feita uma reunião (um dia antes do ritual) com cerca de 30 pessoas no porão da casa de cultura, onde começamos a conversar sobre o assunto do encontro. Duas pessoas, uma do Brasil (Vanessa Velasquez) e outra do Japão (Kaya Hanasaki) trouxeram à tona questões relativas a “Lama de Mariana” e o “Acidente Nuclear de Fukushima”. Essa relação entre ambos desastres

20 A líder do movimento trans e do ENEN -Indianara Alves Siqueira

21 Drone pilotado por Lot Elx- Construtor de drones diy

22 Responsáveis: Rafael Frazão e Victor Guerra

23 Conduzidas principalmente por Marcela Lucatelli e Paloma Klisys

24 Responsáveis pelas filmagens: 1- Amanda FloU, 2- Bruno Vianna, 3- Victor Guerra, 4- Rafael Frazão, 5- Angela Donini

ataram dois pontos do mapa, e se tornou o assunto fundamental do ritual.

Durante o ritual ambas mulheres trouxeram barcos de papel e começaram a criar uma performance de navegação de sobreviventes entre os desastres, o resto dos participantes receberam máscaras de proteção e ficaram sentados em volta das fogueiras digitais (som e projeções) assistindo a narrativa, que começou com as duas mulheres mas foi mudando de protagonistas. A maioria das pessoas que construíram o ritual performático foram mulheres, e isso trouxe à tona uma série de associações: rituais de bruxas, maternidade, enterro dos mortos, lamentação coletiva, danças de possessão, cantos de evocação. Em um momento começou a acontecer improvisações improváveis como o batuque de um sírio, cujo barco naufragou e veio parar na Europa à nado com uma israelense que arrastava seus cabelos no chão e passava uma vela em torno do corpo. Levando em conta os problemas políticos e de fronteira entre Síria e Israel, a aproximação de ambos protagonistas no ritual, um deles sobrevivente de um navio naufragado, foi muito sensível. Ou uma argentina que fazia uma dança de incorporação com os cantos de uma inglesa. Ou um robô com inteligência artificial feito por Bruno Gola que emitia informações sobre Fukushima e Mariana ao mesmo tempo em que Deva Station jogava com objetos eletrônicos diy. E ainda Fernanda Sanchez performando a maternidade perdida enquanto Laura Soubennes fazia o papel da bruxa diabólica aos sons de baixo de Mariana Faé. Aqui estou deixando de citar inúmeras outras pessoas e personagens que interagiram com a questão dos desastres, de forma performática e ritualística.

Esse sem dúvida foi o ritual mais eclético, cujos participantes pareciam ter vindo de todos os lugares do mundo para se encontrarem exatamente ali, e juntos, num porão de Berlim, constituíram um ritual de abertura dos portos e dos entraves burocráticos que impedem a comunhão entre os povos. Algo aconteceu ali. Foi uma experiência profunda, ao mesmo tempo que uma espécie de terapia de sanção, e sem dúvida um encontro performático, artístico e contemporâneo. Só acabou, duas horas depois, porque a polícia mandou encerrar, pois já era a segunda vez que chegava no espaço. Ao acabar o som as pessoas ficaram em silêncio naquele mesmo local com a cabeça baixa ou olhando uns para os outros, como se não tivessem outro lugar para ir.

DeCurators – Brasília. Tema do ritual: Sobrevivência – Indigenismo, Catástrofes ambientais e Industriais (01-02-03/04/2016). Organização: Fabiane M. Borges e Gisel Carriconde Azevedo
<https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/03/29/tecnoxamanismo-no-decurators-em-brasilia/>

O ritual foi montado a partir de dois laboratórios: 1) Preparatória para o ritual I²⁵ – sobre

25 Com Léo Pimentel, Fabiane M. Borges e Carol Barreiro.

interescritura e transnarrativas scifi - onde os participantes foram convidados a entrar em uma viagem de criação de futuros utópicos e distópicos trazendo a tona a questão da sobrevivência e das catástrofes e 2) Preparatória para o ritual II²⁶ – que foi a criação de totens eletrônicos diy, onde os participantes mexeram com eletrônica, montaram pequenos circuitos de luz e energia e criaram o totem eletrônico.

A partir do laboratório de transnarrativa, que passou pelos métodos de ruidocracia e produção imaginária coletiva se criaram alguns personagens míticos (ancestrofuturistas) como os lobos perdidos radioativos, as pajés enterradas do século XVII, de novo apareceu a guardiã da porta e mais alguns personagens que já existem como o ciberpajé e o amante da heresia. Esses personagens interagiram entre si e produziu-se um rito ruidocrático onde o tema da sobrevivência e das catástrofes vieram à tona com muita força.

Teve uma única pessoa de público, que eu chamei na rua, que não entendia o que estávamos propondo, mas ficou muito sensibilizado com tudo o que viu. Isso demonstra que o público nesses rituais ancestrofuturistas podem ser um acaso mas não são uma necessidade. O ritual aconteceu na hora marcada como se sempre acontecesse, como se as pessoas sempre agissem daquele modo, com suas invocações, suas liturgias, suas correlações naquele espaço e tempo mítico – profano, ancestral e futurista. A experiência aconteceu. Depois de algumas horas, aos poucos os participantes foram saindo dos seus transes e voltando a normalidade. Todos quietos, alguns mais sensibilizados que outros, mas quase todos falando que algo aconteceu ali.

Trago esses três exemplos de forma rápida e até superficial, porque cada um deles exigiria um texto próprio, que atentasse para cada uma das minúscias que cada um deles suscita. Porém, para efeito de entendimento espero que esses exemplos funcionem de forma a gerar curiosidade e replicação. Talvez a parte mais radical dessas experiências seja a indicação de um caminho mais livre em relação a “espiritualidade”, a “religiosidade”, o “transe”, a “catarse” aos “processos imersivos” a “intensificação de consciência”, a “singularidade da conexões” e ao “processo criativo coletivo”. Quando um grupo de pessoas se juntam de forma a deixar emergir processos de imanentização, inconscientização e singularização, coisas acontecem, e é preciso analisar e perceber essas coisas, de forma que não fujam de um certo controle, nem despertem radicalismos ou fanatismos ou até mesmo uma formação psicótica. O que quero dizer aqui é que é preciso cuidado e atenção para os entornos produzidos durante esses rituais. O cuidado é prioridade. Porém, enquanto acontecimento, esses rituais tem sido muito potentes e inovadores, assim como um ponto chave da produção da

26 Com Phil Jones, Krishna Passos e Gisel Carriconde Azevedo (deCurators)

rede de tecnoxamanismo.

Referências Bibliográficas:

Davi Kopenawa e Bruce Albertt - “A Queda do Céu – Palavras de um xamã Yanomami” Ed. Companhia das Letras. São Paulo/SP 2015

Delphi Carstens – HYPERSTITION – 2010 - <http://merliquify.com/blog/articles/hyperstition/#.VxLWz-Rplfb>

Donna Haraway “Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Staying with the Trouble”, 05/09/14 – (vídeo) <https://vimeo.com/97663518>

Eduardo Viveiros de Castro entrevistado por Marc Kirsch – La Lettre du Collège de France, para o número especial da publicação comemorativa do centésimo aniversário de Claude Lévi-Strauss. São Paulo/2009 – http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300023

Eduardo Viveiros de Castro. Metafísica canibales. Katz Editores. Madrid 2010

Fabián Ludueña Romandini – Entrevista – Vídeo - <https://www.youtube.com/watch?v=7kQCQf8R98A>

Fabian Ludueña Romandini - “Comunidade dos Espectros” - Ed. Cuttura e Barbárie – SC -2012

Fabiane M. Borges - Tecnoxamanismos, etc. Revista virtual Geni. Nº 26 Acessado 05/05/2016
<http://revistageni.org/10/tecnxamanismos-etc/>

Fabiane M. Borges - Prolegômenos para um Possível Tecnoxamanismo - Publicado na Revista Cadernos de subjetividade - 2013 – Vol 10, nº15 Acessado em 05/05/2015
<https://catahistorias.files.wordpress.com/2014/03/prolegc3b4menos-para-um-possc3advel-tecnxamanismo.pdf>

Fabiane M. Borges e Marc Etlin – Imersões, Reciclagens e Singularidades – Multitudes Magazine. 2008/2 (nº33). Ed. Associ. Multitudes. Paris.

Em francês: <https://catahistorias.files.wordpress.com/2011/03/multitudes-reciclagem-singularidade.pdf>

Em inglês - <https://catahistorias.files.wordpress.com/2011/01/processes-of-immersion-and-the-recycling-of-singular-subcultures.pdf>

Em português: <https://catahistorias.files.wordpress.com/2011/03/imersc3b5es-reciclagens-e-singularidades.pdf>

Isabelle Stengers - “No Tempo das Catástrofes” (pag.41) - Ed. COSACNAIFY – São Paulo/2015

J. W. Dunne - “An Experiment with Time”. Publisher: A. & C. Black Faber & Faber. England. 1927
<https://archive.org/details/AnExperimentWithTime>

Ray Kurzweil - The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology. Ed. Viking Penguin. 2006

Svetlana Alexievich - “Vozes de Chernobyl – Crônica del Futuro” Ed. Elsinore. Reimpressão. 2016.
<https://www.skoob.com.br/livro/pdf/vozes-de-chernobyl/568303/edicao:570390>

Tecnoxamanismo (site) <http://tecnxamanismo.wordpress.com>

